



RESENHA/FILME

Comeback: um matador nunca se aposenta

por Danilo Cymrot



RAIO-X

Danilo Cymrot

Doutor e Mestre em Criminologia pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo.



Como já diria Arnaldo Antunes, “todo mundo foi neném”, até Hitler, Bush e Saddam Hussein. Mas nem todos chegam a ser idosos. Só os sobreviventes. Por outro lado, atribui-se a Rui Barbosa a frase “não se deixem enganar pelos cabelos brancos, pois os canalhas também envelhecem”. Em determinados contextos, envelhecer pode representar não só um sinal de força, mas também despertar suspeitas. Para além da imagem do idoso como um ser frágil, infantilizado, digno de pena e/ou cuidado, quais segredos e marcas na alma ocultariam sujeitos com rugas e anos de bagagem na estrada da vida?

Comeback (2016), um filme de Erico Rassi, com uma interpretação arrebatadora de Nelson Xavier, em seu último trabalho, conta a história de um matador que volta à ativa. Em um mundo em que as pessoas são valorizadas na medida da sua produtividade, em que idosos são estigmatizados como improdutivos e simultaneamente a aposentadoria parece cada vez mais um sonho distante, o subtítulo do filme é ao mesmo tempo emblemático e irônico: um matador nunca se aposenta.

O trabalho é um aspecto central na formação da identidade das pessoas, mas parece ser ainda mais central na formação da identidade de um matador. Mais do que um mero trabalho que se desempenha para se manter financeiramente, ser matador constitui um modo de vida. A ruptura com esse modo de vida pode ser, portanto, bastante difícil, tendo em vista a teia de relações ilícitas em que um matador se insere e a perene ameaça de vingança, que exige uma vigilância igualmente perene.

Se a força física é determinante em certos meios violentos, uma questão de vida ou morte, a decadência física própria da velhice representa um obstáculo a mais para a continuidade da profissão. No entanto, Amador, o protagonista de *Comeback*, depende justamente de sua força física para desempenhar seu novo trabalho: carregar pesadas máquinas de caça-níquel e instalá-las em botecos. Se o uso da força física em um confronto pode ser encarado como um sinal de virilidade e vitalidade, no outro contexto é visto como um requisito de um trabalho desqualificado, humilhante, ainda mais quando desempenhado por um idoso que não conseguiu ascender socialmente ao envelhecer, tal como seu antigo comparsa e atual patrão.

A relação entre violência e virilidade, por sua vez, fica clara na imagem de uma pistola, um objeto fálico indispensável para um matador e que, de cer-

ta forma, compensa a falta de força física, igualando os contendores. Da mesma forma como o idoso muitas vezes é visto como um homem que perdeu sua virilidade por ser associado à disfunção erétil, a discreta pistola de Amador apresenta falhas que diminuem consideravelmente o seu “poder de fogo”. No entanto, Amador recusa-se a deixar de usá-la. Sua teimosia pode ser vista tanto como a recusa em aceitar sua decadência física e social quanto como um apego à tradição, ao que já é conhecido e familiar, traços frequentemente associado à velhice.

Amador vive, assim, a seguinte contradição: precisa atualizar seus contatos e métodos no mercado dos matadores; mostrar-se ainda relevante, produtivo, potente; negar a obsolescência de sua arma/falo e, por extensão, sua própria obsolescência; afirmar que ainda “dá no couro” e tem “bala pra gastar”. Por outro lado, depende fundamentalmente dos velhos contatos, idosos como ele, para arranjar armas e outros favores; teima em usar os mesmos velhos métodos que usava e mostra-se profundamente nostálgico, idealizando e romantizando o passado, em que ele era o maior e “não tinha pra mais ninguém”. Desqualificar o presente e afirmar o passado como “o tempo que era bom”, aliás, diz mais sobre a valorização do tempo em que se era jovem do que sobre o passado em si, objetivamente.

Com efeito, Amador é um matador que se convencionou chamar de “romântico”. É solitário e não encara os seus crimes apenas como trabalhos impessoais, motivados por dinheiro, mas os valoriza como verdadeiras obras de arte que contam com a sua assinatura e compõem um portfólio que cultua em um álbum de memórias. A trilha sonora do filme ajuda a compor esse romantismo, trazendo boleros, um gênero que teve seu auge no Brasil nos anos 50 e, portanto, associado fortemente à terceira idade, com letras românticas, nas vozes de Altemar Dutra e Chavela Vargas.

O baile da terceira idade, por sua vez, aparece como o espaço de sociabilidade por excelência de Amador e seus contemporâneos. O clichê para por aí, tendo em vista o contraste entre a imagem de um romântico frequentador de baile de terceira idade, o papel social do idoso e o que se espera dele, com a violência praticada por Amador em outro espaço de lazer, típico de chacinhas, o boteco. Tal contraste é sintetizado de forma belíssima no nome do matador, o que ama a dor, e em uma cena na qual Amador encena a morte de uma de suas vítimas como uma coreografia de bolero, ao som da dramática *Tú me acostumbraste*, de Frank Dominguez.

Por sua vez, são os outros que disparam em Amador a percepção insuportável do contraste entre um passado glorioso e viril e um presente medíocre, humilhante e impotente, percepção esta que serve de gatilho para sua mudança de postura e o tal *comeback* que é anunciado pelo título ao filme. Um dos velhos comparsas de Amador, outro velho, que morre em um asilo, joga na cara de Amador a ameaça de um futuro indesejado. Por outro lado, tal amigo rebela-se contra as limitações impostas por médicos mais jovens que ele, ao insistir em fumar, ou seja, em ter prazer mesmo sendo velho. Da mesma forma, declara-se deprimido não por sua situação, mas pela impotência de Amador, provocando-o a reagir.

Ao ser obrigado a seguir ordens de um velho comparsa que enriqueceu, carregando peso, *mesmo com* sua idade, e sendo obrigado a negociar, prática com a qual um matador não está tão acostumado, Amador sente-se com a autoestima baixa e refugia-se justamente no álbum que compila seus maiores feitos. O fato de nem todos os crimes ali noticiados serem de sua autoria não é tão relevante para ele. Afinal, a memória é uma construção seletiva e em disputa. Amador vive ainda a contradição específica de ter um trabalho que pede o máximo de discrição para garantir a impunidade

e de ser extremamente vaidoso e viver a condição humana de querer ser reconhecido, escutado, deixar sua marca no mundo antes de morrer, um legado a ser admirado pelas gerações posteriores.

Esta necessidade de ser escutado e admirado é saciada parcialmente pelo neto do amigo internado no asilo, um aspirante a matador que se espelha em Amador. Cabe ao velho passar ao jovem o conhecimento de toda uma vida, ainda que baseado em práticas criminosas. Na falta de um filho, é esse jovem que exercerá o papel de herdeiro, cujas ações criminosas reproduzirão e manterão Amador vivo.

Os outros incentivadores, ainda que inconscientemente, do *comeback* e dos delírios narcisistas e megalomaniacos de Amador são dois jovens que escutam com admiração e atenção os seus feitos a fim de supostamente realizar um filme. O cinema, assim como os crimes do matador-aprendiz, imortalizará Amador. Ironicamente, são justamente as memórias de Amador, engrossadas por notícias de crimes alheios assumidos por ele como de sua autoria, que o salvam da morte, constituindo uma barreira física às balas disparadas por um matador inimigo, jovem. Já o matador-aprendiz, discípulo de Amador, jovem, ainda cru e, portanto, sem tanta experiência e memórias, não tem a mesma sorte.

Pelo menos em *Comeback*, ser idoso foi uma grande vantagem. Amador é um sobrevivente. Filme do gênero faroeste, *Comeback* não possui personagens femininas, mas basicamente homens e particularmente idosos, uma ironia diante da diferença de expectativa de vida entre homens e mulheres ou da feminização da velhice. O título original do faroeste dos irmãos Joel e Ethan Coen, *Onde os fracos não tem vez*, é *No country for old men*, que poderia ser traduzido ao pé da letra como *Não há lugar para homens velhos*. *Comeback*, o faroeste goiano, mostra que há. ☞